

Manuel Heleno (1894-1970)

o arqueólogo e o professor universitário à luz de documentação inédita

João Luís Cardoso ¹

A Arqueologia não é uma ciência livresca, estática, erudita: o seu campo é toda a terra: serras e planícies, desertos e florestas; o seu arquivo a natureza.

Manuel Heleno, Ficha 4 da disciplina de Arqueologia, ano lectivo de 1950-1951

1. ANTECEDENTES

Em 1998, adquiriu o signatário a livreiro-alfarrabista de Lisboa, além de importante acervo de livros e separatas que fizeram parte da biblioteca do Professor Manuel Heleno, alguns com expressivas dedicatórias, interessante conjunto constituído por fichas manuscritas em cartolina branca de tamanho normalizado, correspondentes aos tópicos enunciados por M. Heleno para apoio à exposição de duas das disciplinas de que foi regente por muitos anos, respectivamente a disciplina de Arqueologia e a de Pré-História. Trata-se das fichas respeitantes aos seguintes anos lectivos:

– Disciplina de Arqueologia: 1948-1949 (Figs. 1 e 2) – Fichas 1 a 108 e “a” a “h”; 1950-1951 – Fichas 1 a 6, remetendo para as fichas “a” e seguintes, de 1948-1949; 1953-1954 – Fichas 1 a 63, remetendo para as fichas “a” e “b” de 1948-1949; 1954-1955 – apresentam-se apenas o Programa da disciplina, o Programa do Curso prático e a respectiva bibliografia, para um e outro, separadamente; 1955-1956 – apresentam-se apenas o Programa da disciplina, centrado na “Formação do Povo Português” e a respectiva bibliografia; 1956-1957 – Fichas 1 a 15; 1958-1959 – Fichas 145 a 223, seguidas das Fichas F1 a F9, com o resumo dos conteúdos programáticos, afigurando-se síntese notável; não se evidencia qualquer lacuna neste conjunto, correspondendo a Ficha 145 ao início do Programa, pelo que não se compreende a razão de ser do critério adoptado.

RESUMO

Abordagem ao percurso arqueológico e académico de Manuel Heleno (1894-1970), uma das principais figuras da Arqueologia portuguesa. O autor apresenta o fio condutor do pensamento e da prática científica e pedagógica que caracterizaram Manuel Heleno, com base em documentação inédita, quando passou quase 50 anos sobre a última lição que este proferiu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1964.

PALAVRAS CHAVE: História da Arqueologia portuguesa; Formação; Manuel Heleno.

ABSTRACT

The author describes the archaeological and academic life of Manuel Heleno (1894-1970), a prominent Portuguese archaeologist. Based on previously unknown documents, he explains the thoughts and scientific and pedagogic practices of Manuel Heleno when we approach the 50th anniversary of his last lecture at the Faculty of Letters of the University of Lisbon, in 1964.

KEY WORDS: History of Portuguese archaeology; Training; Manuel Heleno.

RÉSUMÉ

Approche du parcours archéologique et académique de Manuel Heleno (1894-1970), une des principales figures de l'Archéologie portugaise. L'auteur présente le fil conducteur de la pensée et de la pratique scientifique et pédagogique qui caractérisent Manuel Heleno, sur la base d'une documentation inédite, alors que sont passés presque 50 ans depuis le dernier cours que celui-ci a donné à la faculté de Lettres de l'Université de Lisbonne, en 1964.

MOTS CLÉS: Histoire de l'Archéologie portugaise; Formation; Manuel Heleno.

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador da UNIARQ (cardoso18@netvisao.pt).

Este artigo precede a publicação de livro dedicado à caracterização da actividade pedagógica e de investigação de Manuel Heleno, obra colectiva coordenada pelo signatário, e que constituirá o Suplemento n.º 8 a *O Arqueólogo Português*, constituindo também chamada de atenção para aquela obra, brevemente disponível.

cultura elpense. O deseg. A 1948-1949
 - Os estudos em R. maior. Descolheitas de perpendicular, Soluções e grimal de um e talvez medalerens
 - A ruína das antigas teorías (1)
 3.º Problema do mesolítico (Museu Real de Lisboa)
 O dia caprese de hupe. A origem
 - Escavações em Rio maior. Prme. u
 que o tardenismo de hupe se filta na res paleol. sup. de upad (grimaldique) e contra hupe em hupe. Ois
 * Camphim...
 4. - Vest. e eneol. do camphim... e do
 a) Desembarcamento do neol. para a
 b) Desembarcamento de evolução dolmenada
 c) Origem primitiva dessa civilização
 - He neol. primitivo? hupe ou hupe? critérios adotados.
 As escavações do Ilhavo. As unidades:
 Os dolmens primitivos na res hupe a cultura do intraduzido. Fronteiras e misturas, 2 fases de mesma cultura
 - Relação desta material em o das grutas artificiais: Careque, Er mejeira, Pomes Vado, (hupe) Luita das dofos.

FIG. 1 – Ficha da disciplina de Arqueologia (1948-1949), contendo parcialmente o programa professorado, onde apresenta desenvolvidamente os resultados das suas investigações arqueológicas tanto em Rio Maior como no Alentejo.

- Disciplina de Pré-História: 1953-1954 – Fichas 4 a 6 e 8; 1957-1958 – Fichas 1 a 10; 1958-1959 – Fichas 1 a 7; 1959-1960 – Fichas 1 a 7 e “a” a “c”; 1963-1964 – Ficha 4 e única (Fig. 3), correspondendo ao último ano em que leccionou, atingido pelo limite de idade para o exercício de funções públicas. Existem ainda diversas fichas soltas sobre Pré-História, que nalguns casos não foi possível relacionar com o ano lectivo respectivo, pelo que, nestes casos, se transcrevem no final: correspondem às Folhas 1ª a 25*; I a III; δ e δδ e 1 a 3. Verificada a grande importância deste acervo para a compreensão cabal da figura de Manuel Heleno como Professor e como arqueólogo, importava preparar um trabalho circunstanciado, susceptível de valorizar os aspectos mais relevantes daquelas duas vertentes essenciais de actuação de qualquer Professor universitário, que a documentação inédita vinha evidenciar de forma totalmente diferente da usualmen-

(1) Eneol. antigo, e talvez neol. final da prova das Bocas:
 Superf. planáltica
 Invasão de Alto das Bocas

T1			
S1	T5	S2	S3
T2			
S4		S5	S6
T3			

S = secção
 T = trind.

Carta do Cavaleiro (Alentejo) - Eneol.

Plan de Valença da Suburba de Bocas

Bocas I

AS		
BS		
CS	BC	AS
CS	BN	ASV

I
 II
 III
 IV
 V

FIG. 2 – Verso de ficha da disciplina de Arqueologia (1948-1949), onde exemplifica as diversas técnicas de escavação face à natureza de cada estação explorada. Tem o interesse de ilustrar com as escavações realizadas na estação neolítica do Alto das Bocas, em que seguiu a técnica da abertura de sanjas ortogonais, também utilizada na escavação do Abrigo Grande das Bocas, cuja notável sequência estratigráfica registou.

te atribuída ao ilustre catedrático. Tal é o objectivo deste trabalho, que corresponde a síntese resultante da análise detalhada daquele manancial, no âmbito da preparação de obra de maior fôlego actualmente no prelo, coordenada pelo signatário. Assim se redime a memória de um dos mais ilustres Professores de Arqueologia e de Pré-História da Universidade Portuguesa, constituindo, outrossim, contributo relevante para a história da investigação e do ensino da Arqueologia em Portugal.

2. PERCURSO ACADÉMICO

Manuel Heleno foi contratado em Julho de 1923 como Assistente Provisório da Faculdade de Letras de Lisboa por proposta do seu Mestre, José Leite de Vasconcelos, aprovada na sessão do Conselho Escolar de 8 de Maio daquele ano para, no ano lectivo de 1923-1924, e em regime de acumulação com o cargo de Conservador do Museu

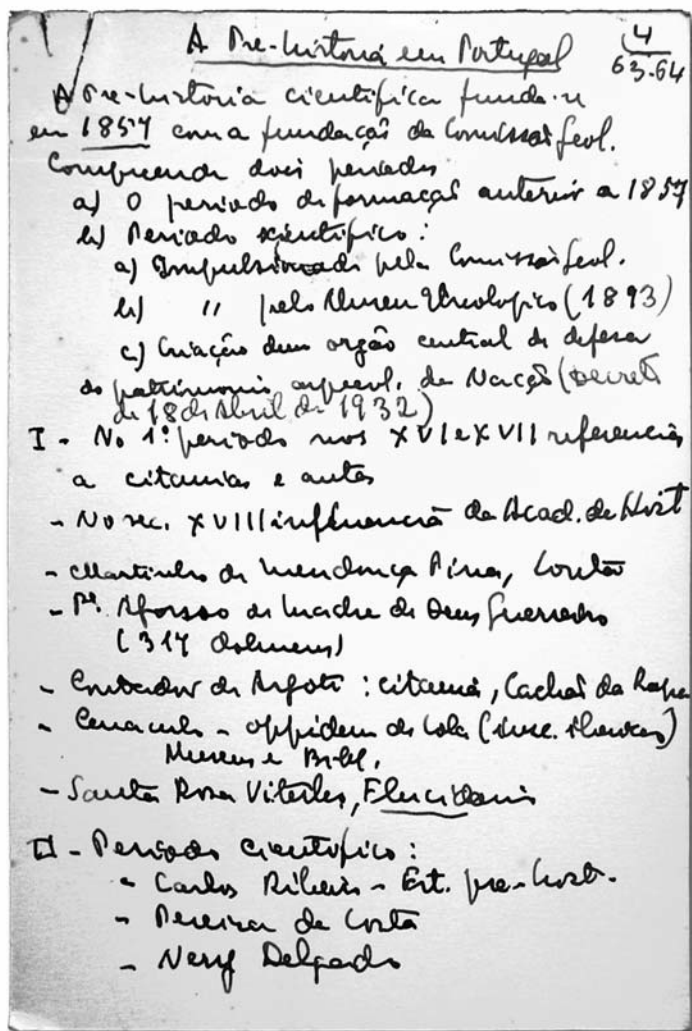


FIG. 3 – Ficha da disciplina de Pré-História (1963-1964), ano da jubilação de M. Heleno, contendo tópicos sobre a História da Arqueologia em Portugal.

Etnológico, por este dirigido, e também com o cargo de professor do Ensino Secundário, leccionar diversas disciplinas naquela Faculdade. Assim, logo no primeiro ano da sua colaboração em regime de acumulação, encarregou-se das disciplinas de Paleografia e Numismática, e de parte da disciplina de Arqueologia, por motivo da missão de Leite de Vasconcelos aos Açores, em Maio de 1924, de que resultaria a sua conhecida obra *Mês de Sonho*, publicada em 1926 (VASCONCELOS, 1926). Esta última disciplina leccionou-a, tal como as outras, nos anos seguintes, a que se somou a de Epigrafia, para além da de História de Portugal e História dos Descobrimentos e Colonização Portuguesa, ao contrário do verificado com as de Paleografia e Diplomática e de Numismática, apesar de ter providenciado em 1924, a publicação da lição inaugural desta última disciplina (HELENO, 1924).

Em 1928 abdicou do cargo de Conservador do Museu Etnológico, em que havia sido provido por concurso público em 1921 (CASTELO-BRANCO, 1988: 18, nota 12), por via da lei das incompatibilidades, optando por manter o seu lugar de professor efectivo do Liceu de Passos Manuel, lugar a que, por sua vez, haveria de renunciar logo no ano seguinte, em benefício do anteriormente desempenhado naquele Museu. Porém, a sua actividade lectiva na Faculdade de Letras de Lisboa não sofreu qualquer percalço, já que era desempenhada em regime de acumulação.

Por ela viria a optar definitivamente em Julho de 1930, ao ser contratado como Professor Auxiliar, cargo que, por inerência, lhe conferia a direcção do Museu Etnológico, substituindo Leite de Vasconcelos, atingido no ano anterior pela legislação relativa ao limite de idade, que o obrigou a abandonar a instituição de que fora fundador. Com efeito, a direcção interina daquele Museu, que lhe fora entregue por decreto publicado a 25 de Maio de 1929, haveria de converter-se em definitiva, por decreto publicado a 16 de Agosto de 1930 (CASTELO-BRANCO, 1988: 18), assumindo-se, assim, tanto no Museu, como na Faculdade, o mais directo continuador do Mestre.

Em Julho de 1933 prestou provas de doutoramento naquela que já era a sua Faculdade, com a tese acima referida, *Os Escravos em Portugal*, cuja primeira e única parte publicada remonta ao referido ano (HELENO, 1933a), tendo sido arguentes os Doutores Damião Peres e Agostinho Fortes. De imediato, foi aberto, ainda nesse mesmo mês de Julho, concurso para Professor Catedrático, que viria a ganhar, por decisão unânime do Júri, reunido no último dia desse mês (CASTELO-BRANCO, 1970: 19, nota 1). Viria a exercer tais funções em continuidade e na mesma Escola desde aquela data até o dia 10 de Novembro de 1964, em que se jubilou.

Não pode ignorar-se, nesta ascensão fulgurante, o papel desempenhado por Leite de Vasconcelos, que o considerava como seu discípulo mais próximo: com efeito, na acta da reunião do Conselho Escolar da Faculdade, realizada a 22 de Março de 1929, Leite de Vasconcelos deixou expressa a vontade de ver Manuel Heleno nomeado Director do Museu e Professor Auxiliar (nota manuscrita do próprio Manuel Heleno, in GAGO e MARTINHO, 2012: 47), o que lhe abriu o caminho para a cátedra, logo que concluído o doutoramento, objectivo que também beneficiou do forte patrocínio do Mestre.

As intensas actividades lectivas e as inerentes à direcção do Museu Etnológico, tiveram de ser compaginadas, desde muito cedo, com diversos cargos de gestão universitária, de que se destaca o de Director da Faculdade de Letras de Lisboa, desde 24 de Outubro de 1960 até à data da sua jubilação, depois de, por duas vezes, em 1959 e naquele mesmo ano de 1960, ter desempenhado aquele cargo interinamente, na qualidade de Professor Decano da Faculdade. E facilmente se podem imaginar as dificuldades que enfrentou no exercício daquele cargo, não só as decorrentes da coordenação da transferência das instalações da Faculdade do velho edifício da Academia das Ciências de Lisboa para o novíssimo edifício da Cidade Universitária, mas sobretudo as relacionadas com a crise estudantil da academia de Lisboa nos inícios daquela década, com o envolvimento directo dos estudantes da sua Faculdade.

Depois da jubilação, quando, enfim, Manuel Heleno encarou a possibilidade de se dedicar à publicação do notável manancial de informação por si coligido, já era tarde: embora continuasse a desempenhar um papel activo na gestão da actividade arqueológica em Portugal, mormente como Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História e Procurador, em representação desta Academia, à Câmara Corporativa, bem como no projecto da *Carta Arqueológica de Portugal*, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, viria a falecer, em 1970, sem ter conseguido concretizar aqueles seus desígnios, para o que terão concorrido também algumas dificuldades contra si criadas, por parte do seu sucessor tanto na Faculdade de Letras como no Museu. Mas os seus preciosos cadernos de campo, logo retirados pelo próprio do local de trabalho habitual, e por isso por muito tempo considerados como imaginários, foram em boa hora adquiridos em 1998 pelo Estado a um particular – o mesmo a quem o signatário adquiriu a documentação que está na base deste contributo –, juntando-se, enfim, na mesma instituição, o Museu Nacional de Arqueologia, aos correspondentes espólios arqueológicos, servindo desde então de base essencial a assinalável número de trabalhos académicos, que o Mestre não conseguiu em vida realizar.

Apesar de não ter deixado a monumental obra literária que o volume dos seus conhecimentos e da sua prodigiosa actividade de campo justificariam e impunham, por razões que só se podem explicar, por um lado, pela sua falta de gosto pela palavra escrita, e, por outro, pelas tarefas administrativas e académicas que foi sendo progressivamente solicitado a desempenhar, nem por isso deixou de transmitir os conhecimentos que ia paulatinamente acumulando aos seus alunos de forma laboriosamente sistematizada, que muitas vezes os ouviam em primeira mão. Tais aulas, tudo o indicam, decorriam despreziosa e serenamente, conforme a sua personalidade, tais como as proferidas, antes dele, pelo seu Mestre, o Doutor José Leite de Vasconcelos: e se é certo que o Discípulo não desmereceu a confiança que o Mestre desde sempre nele depositou, também se pode afirmar – sabemos-lo agora, através da publicação deste contributo – que, tal como aquele, o Professor esteve à altura do Arqueólogo.

3. MANUEL HELENO: A INVESTIGAÇÃO E O ENSINO VISTOS PELAS FICHAS DAS SUAS AULAS

A figura de Manuel Heleno desenha-se, face às fichas das aulas preparadas para os seus alunos das disciplinas de Arqueologia e de Pré-História, de modo totalmente diferente daquele que foi até agora o seu “retrato oficial”, dominante. Logo no Programa da disciplina de Arqueologia, apresentado no ano lectivo de 1926-1927, cuja lição inaugural publicou (HELENO, 1925-1926), evidencia-se o detalhe das matérias leccionadas, a sua coerência interna e a actualização patenteada, alicerçada nas mais recentes descobertas e teorias, mas por cer-

to desfasado para a mentalidade e interesses dos estudantes a que se destinava. Tais características de rigor e sistematização dos conhecimentos apresentados aos seus alunos, manteve-as M. Heleno até à sua última lição, proferida a 10 de Novembro de 1964. De facto, observa-se nítida preocupação por exposição clara e objectiva das matérias, sejam elas a discussão sobre as primeiras indústrias líticas, ou a posição do Homem na escala evolutiva dos Primatas, as quais, à partida, não eram familiares a Heleno. Estudou-as detalhada e esforçadamente, com base na bibliografia que lhe foi possível reunir, e essa postura manteve-a também ao longo dos anos, acompanhando a par e passo as novidades que iam surgindo, das quais se mantinha plenamente actualizado. Por exemplo, a discussão sobre o estatuto do Homem de Pequim (*Sinanthropus*) foi abordada pouco depois da publicação da descoberta, por H. Breuil (publicação que cita), e a questão da falsificação do Homem de Piltdown, foi apresentada nas suas aulas logo que se soube da fraude cometida. A mesma preocupação pela sistematização, tornando por essa via mais compreensíveis os conceitos, já de si complexos, que de outra forma se afigurariam áridos e desconexos para estudantes cuja cultura científica era praticamente nula, evidencia-se na sistematização da ocupação pré-histórica do território português, ordenando cronologicamente as estações com base na caracterização das respectivas indústrias, para além da natureza das estações e das respectivas arquitecturas, a partir do Neolítico.

Tendo consciência de que, no quadro da disciplina de Arqueologia, o que mais interessava transmitir aos seus alunos era uma visão da Pré-História portuguesa, tal opção justificou a larga importância que lhe foi conferida, ao longo dos anos. As matérias integraram, de forma mais ou menos desenvolvida, elementos relacionados com a Antropogénese, bem como conhecimentos práticos sobre a metodologia a adoptar nos diversos tipos de escavações, incluindo os procedimentos a elas associadas, desde a preparação do terreno até aos equipamentos mais adequados para as realizar. A Pré-História, como disciplina independente, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, só terá surgido, de acordo com os registos conservados, no ano lectivo de 1953-1954, conquanto muitas das matérias ali leccionadas já integrassem a sua homóloga de Arqueologia, cuja regência deteve, ininterruptamente, desde 1923, ano em que iniciou a sua carreira docente na Faculdade de Letras de Lisboa.

Com o acumular da experiência prática, advinda das importantes escavações arqueológicas que dirigiu em Portugal, a partir de inícios da década de 1930, desde o Paleolítico Superior até à Alta Idade Média, procurou transmitir aos seus alunos os métodos que utilizou em cada caso, enunciando assim os princípios que presidiram à escavação de grutas, povoados, necrópoles, dólmenes, apesar de, sobre tais intervenções, muito pouco ter publicado: os seus alunos foram quase as únicas testemunhas do notável labor por si desenvolvido no terreno, não se cansando de lhes inculcir o espírito científico que deve presidir à realização de qualquer intervenção arqueológica: “*Não basta saber a*

profundidade dum ou outro objecto. É preciso seguir rigorosamente a irregularidade da estratigrafia”, princípio ainda hoje nem sempre seguido, antecedendo a enunciação de um conjunto de regras práticas, entre as quais merece destaque, pela sua modernidade, a regra de recorrer a antropólogo na remoção de restos humanos. Inovadora foi também a sua percepção, logo em 1953-1954, da possibilidade de reconstituição dos cenários em que se moveu o homem pré-histórico, correspondentes a cada uma das camadas do registo estratigráfico, as quais “*serviram de palco a seres humanos e que nos dão a explicação da posição dos objectos*”, numa evidente inspiração em André Leroi-Gourhan, cujo manual *Les Fouilles Préhistoriques* tinha acabado de aparecer (LEROI-GOURHAN, 1950).

As escavações providenciariam assim o conhecimento dos sucessivos ambientes conhecidos pela estação ao longo do tempo (chamou-lhe “*aventuras*”...). Foi, pois, o introdutor de uma área actualmente em plena afirmação: a dos estudos tafonómicos e paleoambientais, o que constitui mais uma evidência da modernidade do ensino de M. Heleno no campo da Arqueologia e da Pré-História, a par da preocupação, que sempre incutiu nos seus alunos, da importância de caracterizar os contextos arqueológicos. Tal preocupação nota-se logo na lição inaugural da cadeira de Arqueologia, no ano lectivo de 1926-1927 (HELENO, 1925-1926), valorizando o método estratigráfico numa escavação arqueológica, bem como no registo dos objectos que se forem encontrando, com a crivagem integral de toda a terra retirada, e a conservação de um testemunho “*para mais tarde poder comprovar[-se] o trabalho realizado*”. E não era em vão que acentuava sempre a importância do controlo estratigráfico de qualquer escavação arqueológica, exemplificando, no ano lectivo de 1953-1954, com o curioso caso das escavações da necrópole romana de Pombal (Monforte), por si dirigidas, onde ocorriam lâminas e pontas de seta de sílex aparentemente associadas a esqueletos bem conservados, mas que facilmente se explicaram por terem as respectivas sepulturas romanas sido abertas em estrato arqueológico de um povoado pré-histórico...

Mas tais preocupações afloram no seu ensino desde a década de 1920, sendo o precursor da valorização do objecto dentro do seu contexto, preconizando, no que se refere à sua classificação, o recurso ao método comparativo, incluindo comparações etnográficas para que o significado daquele se compreenda em plenitude, embora muitos anos depois, em 1953-1954, chame justamente a atenção para as limitações de tal método.

Com efeito, se é a reconstrução da vida económica, social, intelectual e espiritual do Homem o que importa conhecer, por via da Arqueologia (citando, a tal propósito, a obra clássica então recentemente publicada de G. Clark, *Archaeology and Society*), considera que “*não existem [na actualidade] Culturas iguais às pré-históricas*”, podendo, no entanto, a abordagem etnoarqueológica ser inspiradora de caminhos úteis para a compreensão do registo arqueológico.

Mais tarde, no ano lectivo de 1958-1959, assinala, nas fichas da disciplina de Pré-História, pela primeira vez, os exemplos das comunidades primitivas actuais encontradas nas Canárias, Brasil e África do Sul, mencionando também as ruínas do Zimbabué, descritas no século XVI pelos portugueses.

Mas, para que os mínimos vestígios do passado pudessem ser devidamente identificados e recuperados – não se esqueça que foi o primeiro arqueólogo a valorizar os estudos arqueozoológicos, declarando, muito a propósito, que não basta conhecermos as espécies presentes, é necessário determinarmos a idade dos próprios animais e recolher todos os fragmentos ósseos, por mais ínfimos que sejam –, desceu a pormenores descritivos das técnicas de escavação e dos instrumentos necessários à sua realização. É interessante aludir à noção – que só a intensa prática de campo poderia proporcionar – de que cada época se caracterizou por um determinado padrão de ocupação do território, declarando, a tal propósito, que “*É preciso ter o sentido do Neol[ítico] para encontrar as estações*”, ou a possibilidade de localização prévia de estações tendo presente a sua “*Fisionomia*”, reportando ao Solutrense a preferência pela ocupação de “*vales estreitos e longos*” (disciplina de Pré-História, ano lectivo de 1948-1949), para além da diferença da vegetação, tal como se verificou na identificação das grutas artificiais de Carenque, que, depois de ter identificado, em 11 e 13 de Março de 1932, prontamente explorou e publicou (HELENO, 1933b). Com efeito, não se tratou de uma escavação apressada: o método e o rigor que desde sempre procurou incutir nos seus alunos encontra-se bem expresso nesta escavação exemplar, em que os materiais arqueológicos, longe de serem recolhidos a esmo, como era norma na época, se encontram cuidadosamente postos à vista, como evidenciam as fotografias existentes de tal intervenção (arquivo do MNA), configurando notável técnica e excepcional minúcia.

Tão inesperada valorização dos aspectos ambientais no quadro da vida do Homem pré-histórico, tendo presente a época em causa, revela-se também na detalhada caracterização que apresenta da Europa no Plistocénico, procurando explicar as causas das glaciações no contexto paleoclimático da época, passando pelo contributo do estudo das faunas e das floras, e pela descrição dos sucessivos complexos tecnoculturais do Paleolítico Inferior, Médio e Superior, tanto na Europa como em outras regiões do mundo, o que se afigura notável exercício no quadro do ensino da época, mormente em uma Faculdade de Letras. Pode perguntar-se, a tal propósito, quais desses alunos, imbuídos de um conhecimento profundamente livresco, poderiam suspeitar, ou sequer estar despertos, que as estalagmites poderiam fornecer importantes indicações sobre os climas pretéritos, como referiu no programa de 1953-1954, ou que o estudo das estruturas lenhosas dos restos incarbonizados, ou dos pólenes, poderia conduzir à identificação das respectivas espécies e, deste modo, ajudar à reconstituição paleoclimática? Ou ainda da importância do método da datação absoluta pelo Carbono 14, nesse mesmo ano lectivo de 1953-1954, poucos

anos depois do mesmo ter sido descoberto nos Estados Unidos da América, descrevendo-o já em pormenor, tal como se verifica com outros métodos de datação absoluta e relativa que também enunciou? Ou que as aparentemente informes indústrias do Paleolítico Inferior e Médio para um estudante de Letras da década de 1950 poderiam ser estudadas rigorosamente, expressando-se os resultados desse estudo tipológico por uma curva cumulativa, de que apresenta esboço, na própria ficha da aula (ano lectivo de 1953-1954), apresentando tal método estatístico aos seus alunos imediatamente após a sua introdução, em França por François Bordes?

Sublinhe-se que a classificação tipológica, para M. Heleno, derivava do método classificativo

das Ciências Naturais, possuindo assim base científica sólida, não resultando de uma aleatória disposição do espírito...

Algumas das frases desse ensino inovador e de alta qualidade podiam e deviam ecoar ainda nas salas de aula da escola em que leccionou, bem como em outras Faculdades do País, porque se afiguram plenamente actuais, como a que sublinha, em 1953-1954, a existência de artefactos rolados pelo mar siciliano identificados poucos anos antes por Breuil e Zbyszewski no litoral da Estremadura, ou associando, anos antes, ao Homem de Neandertal o uso de objectos de adorno, ao declarar ser então já notório “*o gosto pelo luxo no Mustierense (uso de conchas e de substâncias corantes)*”, assunto que só recentemente tem vindo a ser discutido, por via dos inovadores trabalhos de João Zilhão e colaboradores.

Sempre desperto por novas áreas de intervenção, foi em Portugal o primeiro arqueólogo que seriamente encarou os recursos oferecidos pelas novas tecnologias, como a prospecção geofísica, a prospecção geoquímica dos terrenos (conteúdo em fosfatos), ou a fotografia aérea, metodologia exposta no ano lectivo de 1948-1949, com base na bibliografia internacional a que acedeu e que menciona, embora desde há muito a mesma tenha por si sido posta em prática, logo em 1934, na necrópole visigótica de Silveirona, sucedendo-se depois a *villa* romana de Torre de Palma, descoberta acidentalmente no decurso de trabalhos agrícolas em Março de 1947, para logo ali ser iniciada escavação no ano seguinte (CASTELO-BRANCO, 1988: 36). Os espectaculares resultados obtidos naquela estação da época romana, foram acompanhados da remoção dos preciosos mosaicos encontrados (Fig. 4), tendo para o efeito sido contratada uma equipa de técnicos italianos, ao mesmo tempo que encarregou Vera Leisner do desenho dos mesmos, por ele publicados anos depois (HELENO, 1962b). Na década de 1950, a oportunidade perdida 30 anos atrás de explorar os concheiros de Muge, pelas intervenções ali realizadas por Mendes Corrêa, foi recompensada pelas que dirigiu em diversos con-



Foto: Arquivo João Luís Cardoso.

FIG. 4 – “Mosaico das Musas”, da *villa* romana de Torre de Palma (Monforte), reproduzido em postal do Museu Nacional de Arqueologia editado na época de Manuel Heleno.

cheiros do vale do Sado, de há muito identificados por Lerenó Antunes Barradas (CARDOSO e GONÇALVES, 1992), cujos resultados, transmitiu prontamente aos seus alunos (Fig. 5).

Por essa mesma altura, retomava a exploração do complexo industrial romano de Tróia, por ele iniciada em 1947, a qual ocupou os últimos anos da sua vida como arqueólogo (HELENO, 1960). Nesta última estação, aplicou também pela primeira vez a prospecção subaquática com recurso a mergulhadores, na procura do porto submerso do notável complexo industrial ali existente, conforme se pode ler nas fichas das aulas da disciplina de Arqueologia proferidas por essa altura (Fig. 6). Era clara, na óptica do mestre, a estratégia de articular duas realidades distintas mas complementares do Período Romano da província da Lusitânia: por um lado, a exploração dos ricos solos do Alentejo por via de grandes unidades agrícolas latifundiárias; por outro, a exploração dos recursos marinhos do seu vasto litoral, e sua ulterior transformação a partir da exploração de um dos mais notáveis complexos industriais daquela época, cujos resultados não deixou de transmitir aos seus alunos.

Não obstante a importância dos espectaculares resultados obtidos em tais explorações, a que se podem juntar outras, como a da já referida necrópole paleocrístã de Silveirona, a Arqueologia Clássica ocupou sempre um diminuto lugar na sua leccionação: mesmo na disciplina de Arqueologia, a primazia foi, como atrás se disse, invariavelmente concedida à Pré-História, pois era ali que residia o fulcro das questões que mais valorizava, enquanto formador de consciências históricas nos seus alunos.

Indício também expressivo da modernidade do seu ensino foi a preocupação, que perpassa os sucessivos anos em que leccionou as disciplinas de Arqueologia e de Pré-História, de se distanciar permanentemente da prática do arqueólogo-antiquário: “*O que interessa não são os objectos, mas o pensamento da época*”, declarava em 1948-1949, para, no ano lectivo de 1950-1951, proclamar: “*A Arqueologia não é uma*



FIG. 5 – Vista parcial da escavação realizada em 1960 no concheiro mesolítico de Poças de São Bento (Alcácer do Sal).

ciência livresca, estática, erudita: o seu campo é toda a terra: serras e planícies, desertos e florestas; o seu arquivo a natureza”.

Em 1958-1959 volta a insistir, não se cansando de sublinhar que, tal como os objectos, os monumentos “são documentos da vida passada que é preciso estudar [...]” e não “*simples ornamentos, nem simples curiosidades*”.

Desconhece-se qual o impacto que esta e outras afirmações tiveram no seio das turmas de alunos a que se destinavam; provavelmente, nenhum, ou muito pouco; mas não pode negar-se ao Mestre a sua pre-mência: no curso de 1953-1954, declarou que não é sem emoção que o arqueólogo penetra na intimidade de um lar acabado de ser posto a descoberto, pelos restos de fogo e de refeições, acrescentando uma nota pessoal: “*No abrigo solutrense de Almoinha sentei-me na mesma pedra onde há 20 000 anos o homem se aquecia, vi como e onde arrumavam a ferramenta, o feitiço da cabana, etc.*”.

Esta notável descoberta não mereceu, inexplicavelmente, publicação na época, o que só viria a verificar-se em 1984, por João Zilhão, que não deixa, aliás, de salientar o trabalho do seu antecessor (ZILHÃO, 1984). E, referindo-se à escavação do dólmen da Comenda da Igreja, respondeu assim a um seu real ou imaginário detractor: “*Estudo não tem aridez, mas poesia. O que é preciso é ter imaginação para compreender e sensibilidade para sentir*”.

Era notória, em meados do século, a vontade de mudança, provocada certamente pelas grandes realizações da Arqueologia que o Mestre via desenvolve-

rem-se no Estrangeiro, sendo muito significativas as palavras que escreveu a tal propósito: “[...] e se me é permitido arejar os métodos de ensino começaremos por visitar os monumentos dos arredores de Lisboa [...]”. É provável que, pelo menos, os primeiros anos de leccionação de Manuel Heleno na Faculdade de Letras de Lisboa tenham correspondido a “uma lufada de ar fresco” num ensino eminentemente teórico. Disso é prova a preocupação, desde logo manifestada pelo então jovem professor, pela adequada preparação prática dos alunos, que só o contacto directo com as estações arqueológicas e os correspondentes materiais poderia proporcionar. Assim, a partir dos inícios da década de 1950, quando os meios técnicos e logísticos passaram a possibilitar o transporte de uma só vez de número assinalável de alunos, vê-se a sua preocupação em criar verdadeiros cursos práticos, paralelos aos cursos teóricos, com sessões duas vezes por semana, proporcionando aos alunos as visitas às estações mais importantes da então

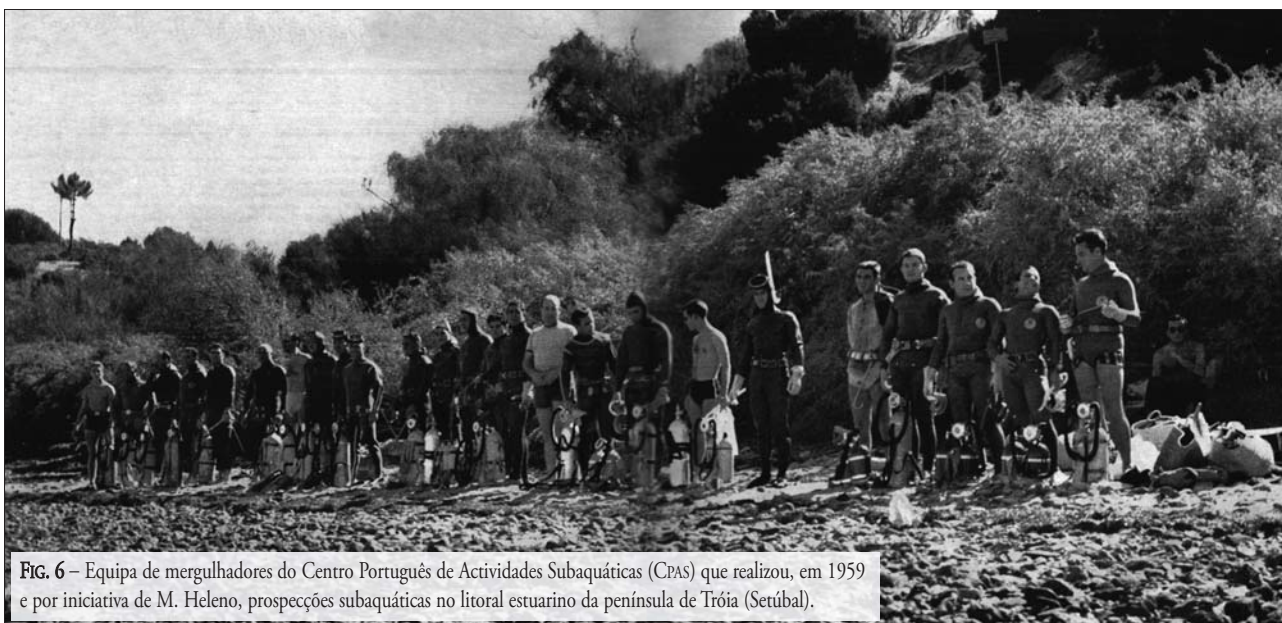


FIG. 6 – Equipa de mergulhadores do Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS) que realizou, em 1959 e por iniciativa de M. Heleno, prospeções subaquáticas no litoral estuarino da península de Tróia (Setúbal).

chamada “Costa do Sol”, a par dos monumentos dolménicos do concelho de Sintra, bem como a Tróia; tais visitas eram complementadas pelo acesso directo a materiais arqueológicos, no Museu Nacional de Arqueologia, facilitado pela sua condição de Director da Instituição, por inerência das funções desempenhadas como Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Mas, mesmo desde o início da sua vida como docente, em 1923-1924, altura em que ainda não dispunha de tais facilidades, já se preocupava com a componente prática que deveria imprimir à disciplina de Arqueologia, consubstanciada por inúmeras observações relacionadas com a realização de escavações, apesar de, naquela época, ainda não ter experiência de tais actividades.

Os problemas da preservação *in situ* dos testemunhos arqueológicos preocuparam-no também. São exemplo disso as referências contidas nas suas fichas, as quais não eram meramente teóricas, já que ensaiou em Conímbriga tal método, tendo produzido um escrito a tal propósito (HELENO, 1956c). E são plenamente actuais as suas palavras quanto aos perigos de, na conservação de um determinado monumento antigo, se privilegiar uma determinada fase em detrimento das demais, em função exclusivamente do critério estético, revelando, pelos exemplos invocados, as aturadas pesquisas bibliográficas a que procedeu, para mais adequadamente se documentar. Aliás, essas preocupações constituíam, como declara, um dos temas do Congresso de 1950 da Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques (UISPP), evidenciando-se, mais uma vez, a oportunidade e actualidade dos temas abordados. Repugnavam-no as escavações realizadas sem meios para assegurar a conservação das estruturas postas a descoberto, referindo-se a certa intervenção, em Elvas, que colocou à vista sete mosaicos, “completamente alguns já destruídos” (disciplina de Arqueologia, ano de 1953-1954).

Enfim, para M. Heleno, a separação entre História e Pré-História era infundada: “Porquê esta separação da História e da Pré-História?”, questiona-se em 1953-1954, dando de imediato a resposta: “Faltam os documentos escritos. Mas falam as pedras. Tudo vai em as compreender”. Discutindo fraudes arqueológicas, dá o interessante exemplo das figuras gravadas em pequenas pedras recuperadas nos dólmenes de Alvão (Vila Pouca de Aguiar), que levaram alguém, mais desprevenido a considerá-los como paleolíticos! Aborda essa delicada questão, que se prendia directamente com a de Glozel e que, como esta, tanto brado deu na época, e, de forma inovadora, admitiu que tais objectos poderiam corresponder “talvez a esconderijo dalguma feiticeira”, opinião que parece ser ainda hoje a melhor para explicar tão insólitos objectos, mas que só poderia ser expressa com propriedade por alguém que sempre aliou a imaginação ao rigor.

Outras preocupações exprimem o empenho de os seus alunos apreenderem todos os aspectos práticos relacionados com as escavações arqueológicas. É o caso da remoção das terras (em Torre de Palma usou carroças, mas descreve detalhadamente o sistema Décauville, desde as

características da linha férrea e dos carris, até às dimensões das vagonetas, que utilizou em Tróia), técnicas de crivagem, etiquetagem, embalagem e lavagem, antecedendo o respectivo transporte, sem se esquecer do problema do abastecimento em água (que devia ser fervida no Alentejo)... e a importância de uma câmara escura no terreno para a revelação de fotos. Tudo indica que se terá inspirado nas escavações no Egipto (disciplina de Arqueologia, ano lectivo de 1948-1949). As prosaicas considerações sobre pagamentos – que devem ser sempre feitos pelo director da escavação, e não por qualquer encarregado, para os trabalhadores perceberem bem quem de facto é o responsável pela realização dos trabalhos –, bem como a necessidade de aquele se libertar, no decurso dos trabalhos, “de tudo o que não seja a condução científica da escavação”, terá decorrido da sua experiência, nem sempre bem sucedida a tal propósito, não deixando de sublinhar as responsabilidades do arqueólogo para com a Sociedade e o Estado, que lhe confere tal autorização.

Uma das características transversais do ensino de Manuel Heleno, que perpassa ao longo de toda a documentação analisada, é a sua preocupação em apresentar, de forma exaustiva e imparcial, as opiniões de outros arqueólogos com relevância para as matérias por si leccionadas, desde o Paleolítico até às idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica, passando pelo Mesolítico, Neolítico e Calcolítico, o que o obrigou a aturadas e diversificadas leituras, bem evidenciadas ao longo dos anos, sempre renovadas, na procura incessante e permanente da actualização científica (Fig. 7). Tal preocupação, fazendo dele um compilador rigoroso, não o dispensou de apresentar, também de forma objectiva e sedutora, a sua visão crítica das referidas teorias e concepções, opção naturalmente exigente e difícil, mas que proporcionou uma primeira visão crítica e devidamente articulada, no século XX, da Pré-História portuguesa, sucedendo-se à clássica obra de Cartailhac, de 1886, embora não tivesse naturalmente o formato de um manual ou livro de texto. Foram os seus alunos os únicos destinatários de tão exigente quanto completo programa, que só excepcionalmente conheceu a merecida publicidade: é o caso dos estudos de Irisalva Moita, sua ex-Assistente, sobre o faseamento do megalitismo no centro interior de Portugal (MOITA, 1966), a que se poderá somar outro estudo da mesma autora sobre o megalitismo alentejano (MOITA, 1956), que recorre largamente às matérias leccionadas pelo Mestre, para além daquela onde traça o ante-projecto para a secção de Arqueologia do Museu Nacional de Arqueologia, a qual apenas conheceu publicação parcial e sintética (MOITA, 1958); com efeito, o trabalho apresentado a concurso para Conservador de Museus pela Autora (MOITA, 1955), não chegou a ser publicado, mas mereceu ao Mestre uma crítica rigorosa, conforme pode verificar-se no exemplar dactilografado pertencente ao arquivo do signatário.

Não teve, com efeito, M. Heleno a sorte de dispor, de entre os seus alunos, de um compilador que tivesse registado todas as matérias por ele apresentadas e discutidas nas aulas, conferindo-lhes depois a indis-

taciones pictóricas no se detienen con el final del Neolítico y el comienzo de la Edad de los Metales, pero forman una unidad y no es posible separarlas en dos etapas.

Es discutible la verdadera finalidad de este arte ya que la mentalidad de pueblos neolíticos es bien distinta de la que poseían quienes empezaron mucho antes a llenar de figuras los abrigos de nuestras sierras. Pero pensando en que podían ser cazadores antes que otra cosa quienes habitaran las zonas montañosas donde hallamos este arte esquemático, aun cabe considerar que éste conserva en buena parte la justificación simbólico-mágica de sus precursores.

Pregunta inevitable es la de si será puramente la continuación, por decadencia, del arte naturalista levantino o si ha de explicarse por la llegada de nuevos motivos con la entrada del Neolítico. Breuil ha hecho notar la semejanza de alguna de sus figuras y estilizaciones con otras del Oriente, por ejemplo las que aparecen en vasos predinásticos egipcios. Es muy posible pues que el cambio de naturalismo a estilización haya surgido o por lo menos se haya acentuado bajo la presión de los pueblos agricultores y de la nueva mentalidad llegada del Oriente del Mediterráneo.

Por otro lado es curioso que recientemente se han señalado varias estaciones del Sur de Francia, desde el país vasco hasta los Alpes, con pinturas del tipo de las españolas esquemáticas, lo que parece que ha de tomarse como expansión de un fenómeno hispano mejor que como una llegada de elementos europeos.

Hay una manifestación especial. La de pinturas y grabados en losas dolménicas, más abundantes en el Noroeste. En los sepulcros megalíticos hallamos pinturas, por ejemplo, en el sepulcro de cúpula extremeño de la Granja del Toniñuelo donde vemos unos soles y figuras humanas esquemáticas pintadas de rojo; en el dolmen de Cangas de Onís, con un posible ídolo, y en el sepulcro de corredor

173

Finalidad
origem
a) primitivo
b) derivado de naturalista
Pinturas en
antón

FIG. 7 – Apontamentos autógrafos de M. Heleno apostos no livro de L. Pericot, *La España Primitiva*, Barcelona, 1950.

co, mais facilmente poderia dar à estampa, como o “*chão de cabana de Sobreira de Baixo (Lavre)*”, que jamais conheceu a merecida divulgação, tal como o seu congêneres solutrense de Almoinha, já acima referido, e ainda mais importante do que aquele.

Outros importantes elementos recolhidos em escavações de épocas mais modernas, de que avultam as intervenções na Tróia de Setúbal, na década de 1950 e inícios da seguinte (Fig. 8), ou ainda no cemitério paleocristão de Silveirona (Estremoz), explorado na década de 1930, do qual também nada publicou, apesar de serem dois sítios frequentemente abordados nas suas aulas, traduzem realidade que conduziu, nalguns casos, à publicação de estações ou espécimes arqueológicos por outros arqueólogos como inéditos (e objectivamente eram-no), ou em primeira mão, apesar de terem sido apresentados em primeira mão por Heleno nas suas aulas: para além do já referido caso do raro sarcófago romano da região de Vila Franca de Xira, é exemplo o santuário do Penedo da Almoinha (Brotas, Mora), por si localizado na década de 1930, para voltar a ser identificado de forma independente, décadas depois, no decurso de trabalhos de campo de cartografia geológica, e como tal publicado (ZBYSEWSKI *et al.*, 1977).

Esta situação acentua-se ao longo da sua carreira científica, porquanto logo no início da mesma, deu provas de uma rápida capacidade de resposta na publicação das suas investigações, de que é paradigma a

pensável coerência. E se, à distância de mais de 60 anos, podemos compreender que faltavam ao Mestre tempo e financiamento para publicar obras de vulto sobre as notáveis escavações que empreendeu e concluiu com tanto êxito, torna-se insólita a ausência de publicações que, pela sua pequena dimensão e elevado interesse científi-



FIG. 8 – Manuel Heleno no decurso das escavações em Tróia, em amena conversa com trabalhador. Anos 1950-1960.

Foto: Arquivo M. Farinha dos Santos, pertencente a João Luís Cardoso.

Imagem: Arquivo João Luís Cardoso.

identificação, exploração e publicação da necrópole de Carenque, já acima referida.

Manuel Heleno deu, aliás, sobejas provas de que possuía talento para redigir obras de assinalável mérito e originalidade, como se verifica com as publicações que produziu, sobretudo, nas décadas de 1920 e até meados de 1930: é o caso do seu notável trabalho de 1935 sobre joalheria pré-histórica e proto-histórica, em que deu a conhecer algumas das mais importantes produções auríferas daquelas épocas, que depois transmitiu aos seus alunos, sem se furtrar à polémica, como a que se gerou em torno do tesouro do Álamo (Moura), apresentada na disciplina de Arqueologia na ano de 1958-1959, num processo em que interveio pessoalmente, em clara divergência com responsáveis da Associação dos Arqueólogos Portugueses (HELENO, 1935; CARDOSO, 1999).

Outro tipo de publicações resultam directamente de relatórios apresentados à Junta Nacional da Educação (JNE), que o tempo não daria para mais desenvolvimentos: um dos exemplos mais expressivos foi o caso do artigo sobre o notável sarcófago romano da região de Vila Franca de Xira, actualmente no Museu Nacional de Arqueologia, apresentado aos seus alunos de Arqueologia de 1955-1956, a quem deu a conhecer aquela bela peça marmórea que servia de tanque, por si publicada em 1948 (HELENO, 1948b), mas que entretanto tinha já sido incluída no estudo que A. Garcia y Bellido dedicou aos sarcófagos romanos de tipo oriental do território peninsular. A prioridade de Heleno perdeu-se, a nível internacional, sem que para tal houvesse justificação plausível, porquanto o seu estudo de 1948 reproduziu o que já em 1945 tinha escrito no relatório apresentado à JNE. Outro exemplo deste tipo de trabalhos, resultantes directamente dos relatórios oficiais por si elaborados, é o que dedicou à Arqueologia da região de Elvas, respeitante às notáveis descobertas da necrópole de incineração da Idade do Ferro da Chaminé e dos mosaicos policromos do Carrão, exploradas por A. Dias de Deus, embora sem as necessárias autorizações (HELENO, 1951). Desta intervenção de Manuel Heleno, solicitada pela Junta Nacional da Educação, resultou uma grave dissenção com Abel Viana, amigo daquele e que com ele publicou as referidas estações (CARDOSO, 1999), omitida por Heleno nas notas das aulas, embora nestas se refira, reiteradamente, pela sua importância, àquela necrópole sidérica, bem como ao problema da conservação *in situ*, suscitado, no caso, pela destruição dos mosaicos romanos da *villa* do Carrão, que não tiveram a protecção que se impunha. Mas, se a crítica era fundamentada e se impunha, já os nomes dos que a suscitaram são omitidos dos seus alunos, o que revela ética, quando facilmente poderia criticar o autor daquelas intervenções, já então falecido.

Mas o aparente desinteresse pela obra publicada, não indica desprezo pelo trabalho científico, bem pelo contrário: é patente o detalhe com que apresentava, ano após ano, aos seus alunos, os resultados inéditos das explorações a que devotadamente se entregou por mais de três

décadas, ao mesmo tempo que citava e utilizava obras basilares acabadas de sair. Foi, assim, responsável por um ensino altamente inovador e criativo. A título de exemplo, pode invocar-se a importância da ocupação do Paleolítico Superior de Rio Maior, cuja demonstração se lhe deve, por via das escavações ali efectuadas desde 1937, em particular no Abrigo Grande das Bocas (Fig. 9), tendo então apresentado a descrição estratigráfica completa dos respectivos depósitos, acompanhada da caracterização tipológica das indústrias recolhidas em cada um deles, evidenciando a sua boa preparação neste domínio. A sequência estratigráfica posta a descoberto, que ele minuciosamente registou e apresentou aos seus alunos em primeira mão, servindo a outros, mais tarde, de apoio para a publicação dos resultados por si ali obtidos (BICHO, 1995-1997), foi fundamental para a contestação da teoria da origem africana das populações dos concheiros mesolíticos de Muge, de início aceite por Heleno nas suas aulas até à realização daquelas escavações, a par de outras realizadas na mesma altura em diversas estações da região. No povoado do Neolítico Antigo do Alto das Bocas, escavado na mesma época, Heleno aplicou de forma inovadora, pela primeira vez em Portugal, o sistema das trincheiras ortogonais (Fig. 10), inspirando-se por certo na metodologia introduzida cerca de dez anos antes por Mortimer Wheeler para escavar extensas estações de ar livre.

Tais explorações, realizadas na segunda metade da década de 1930, permitiram-lhe contestar a teoria da forte presença norte-africana no Paleolítico Superior final e no Mesolítico peninsulares, épocas que se pensava então estarem representadas pelas indústrias capsenses, quando na verdade são mais tardias, tese então defendida por ilustres arqueólogos como P. Bosch Gimpera e H. Obermaier e, entre nós, por Mendes Corrêa, com base nos estudos de Antropologia física das populações de Muge. Bastaria este contributo de Heleno, contrariando com provas as opiniões de tão ilustres mestres, para situar a sua obra entre uma das mais originais e poderosas da Arqueologia peninsular da primeira metade do século XX. Infelizmente, os resultados foram publicados tardiamente e de uma forma sempre resumida (HELENO, 1948a; 1956b). E muitos outros exemplos de tardia ou mesmo absoluta falta de publicação poderiam invocar-se, como o das grutas da Senhora da Luz, situadas nas proximidades, só publicadas muitos anos depois (CARDOSO, CARREIRA e FERREIRA, 1996), para já não falar do notável manancial de elementos recolhidos nos cerca de 300 monumentos megalíticos escavados na região de Montemor-o-Novo e na de Estremoz, que lhe permitiram traçar pela primeira vez um esboço coerente da evolução do fenómeno megalítico no Alto Alentejo, ainda na década de 1930, cruzando as informações relativas à arquitectura dos monumentos e aos respectivos espólios, seguindo abordagem absolutamente moderna e metodologicamente irrepreensível. Tal metodologia permitiu-lhe, ainda na década de 1930, contrariar a ideia então generalizada da maior modernidade dos sepulcros megalíticos peninsulares face aos seus congéneres do Mediterrâneo Orien-



FIG. 9 – Aspecto do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior), aquando das escavações realizadas na década de 1930, sob orientação de M. Heleno, evidenciando-se a sequência estratigráfica por ele considerada contínua entre o Paleolítico Superior final e o Mesolítico, o que deitava por terra a teoria da influência norte-africana no Mesolítico português e peninsular, defendida então por diversos arqueólogos.

tal, dos quais não passariam de grosseiras imitações feitas por populações atrasadas (DANIEL, 1941). Naturalmente que Heleno terá tido a oportunidade de discutir os fundamentos da sua proposta – revolucionária no quadro da década de 1930 – com ilustres arqueólogos que então visitaram as suas escavações, como Georg e Vera Leisner e Hugo Obermaier (Figs. 11 e 12).

Pela mesma época, devem referir-se também as escavações que dirigiu na estação solutrense de Cambelas, revogando definitivamente a posição de Breuil, que admitia que só residualmente existiria Paleolítico

Superior em Portugal. A caracterização dos diversos tecno-complexos do Paleolítico Superior presentes no território português obrigou-o a um aturado esforço de síntese, revelando-se este, por exemplo, na discussão exaustiva e de alta qualidade a propósito da origem do Solutrense, só possível pela profundidade a que desceu a sua análise, baseada na bibliografia compilada.

As razões que levaram Manuel Heleno a jamais publicar os resultados das suas explorações arqueológicas, nem sequer um manual de Arqueologia ou de Pré-História de Portugal, apoiado nos seus aponta-

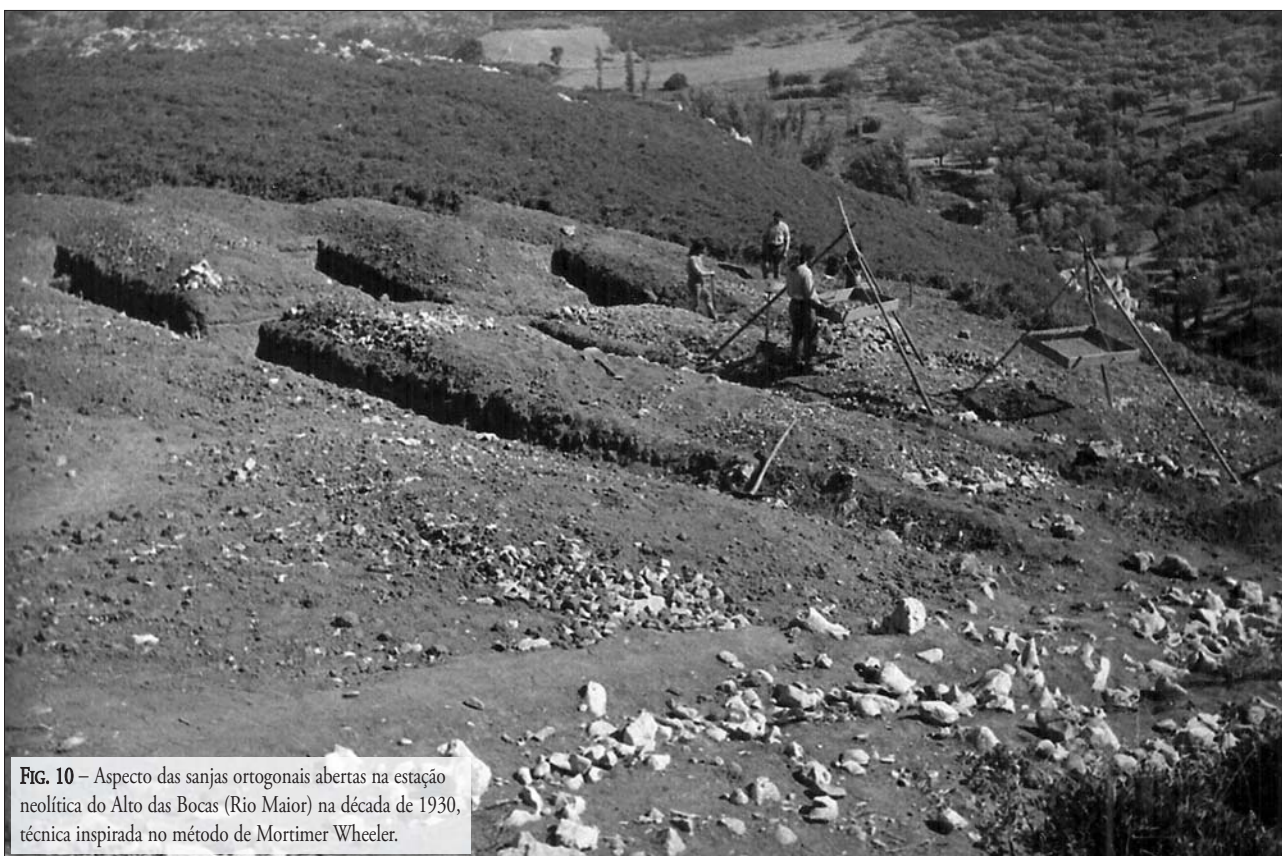


FIG. 10 – Aspecto das sanjas ortogonais abertas na estação neolítica do Alto das Bocas (Rio Maior) na década de 1930, técnica inspirada no método de Mortimer Wheeler.



Foto: Arquivo Leisner / Instituto Arqueológico Alemão / Delegação de Madrid (negativo D-Dat-Mad-Leiv-Lei-03-028).



Foto: Arquivo Leisner / Instituto Arqueológico Alemão / Delegação de Madrid (negativo D-Dat-Mad-Leiv-Lei-03-027).

FIGS. 11 E 12 – Em cima, Manuel Heleno com Hugo Obermaier e Georg Leisner, aquando da exploração na década de 1930 das antas alentejanas, na Herdade do Azinhal (Coruche), fotografados por Vera Leisner.

À esquerda, Manuel Heleno com Vera Leisner, aquando da exploração da anta 3 da Herdade do Azinhal (Coruche), fotografados por Georg Leisner.

mentos das aulas, valorizados por múltiplas leituras, sempre actualizadas ao longo do tempo, não poderá explicar-se apenas pela sua personalidade, avessa a escrever; com efeito, poderia ter encarregue um seu aluno ou discípulo dessa compilação, como foi o caso de Virgínia Rau, que, enquanto estudante e a pedido de Heleno, transcreveu as lições sobre o Paleolítico proferidas por Henri Breuil na Faculdade de Letras de Lisboa em 1941-1942 (arquivo de J. L. C.). Admite-se que as múltiplas funções oficiais, administrativas e académicas de que foi incumbido ao longo da sua vida, e especialmente nos últimos anos, entre 1960 e 1964, em que exerceu o espinhoso cargo de Director da Faculdade de Letras de Lisboa num período conturbado da vida académica, lhe tenham tolhido a iniciativa que, para ser fecunda, precisava de ser continuada e serena.

Por uma única vez, levado certamente pela obrigação que naturalmente sentia perante a comunidade científica nacional e internacional, ainda que de forma muito resumida, dispôs-se a enunciar os principais avanços que se lhe ficaram a dever nos múltiplos domínios por



FIGS. 13 E 14 – À esquerda, dedicatórias de arqueólogos portugueses e estrangeiros a Manuel Heleno, apostas em trabalhos que lhe ofereceram.

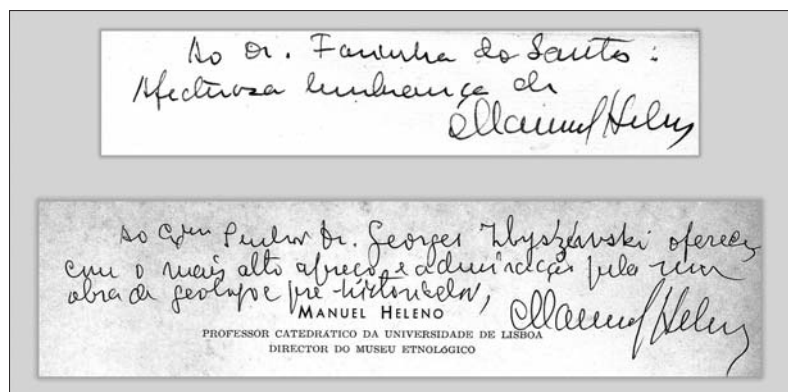
Em baixo, dedicatórias de Manuel Heleno apostas em separatas de trabalhos oferecidos pelo próprio.

Não obstante, foram sempre numerosas as manifestações de apreço e consideração expressas em vida pelos seus pares, tanto portugueses como estrangeiros; com estes últimos, sempre manteve relações científicas e pessoais cordiais numa base de plena igualdade, jamais de sujeição ou subserviência, como era de uso, de que recolheu agradecimento e admiração, como se verifica pelas dedicatórias apostas em artigos oferecidos ao Mestre (Fig. 13), mesmo de colegas da sua própria Faculdade que com ele se indispuseram, mas que só tiveram a coragem de o declarar publicamente depois de morto...

Manuel Heleno era possuidor de uma personalidade reservada e austera, e só raramente deixava transparecer, e apenas perante os seus mais próximos amigos e

colaboradores, a natureza mais genuína do seu carácter (PINA, 1958; SERRÃO, 1978: 51). Mas a disponibilidade do seu espírito explica a redacção de diversos trabalhos dedicados aos seus Mestres, Leite de Vasconcelos, Henri Breuil e P. Bosch Gimpera (HELENO, s.d.; 1956a; 1962a), e o oferecimento de separatas dos seus trabalhos a quem mais considerava (Fig. 14).

que se desdobrou a sua actividade no decurso de 25 anos, desde o Paleolítico Inferior à Alta Idade Média (HELENO, 1956a). Como já se teve oportunidade de declarar, esse aparentemente despretenso relato, que só por má-fé ou ignorância pode ser confundido com auto-panegírico, representa antes uma justificação portentosa, perante os seus pares, do mais notável e original impulso que a actividade arqueológica em Portugal conheceu, devido à actividade de um homem trabalhando deliberadamente só, como já em outro lugar se afirmou (CARDOSO, 2001-2002). Com efeito, importa ter presente o testemunho de um dos seus colaboradores e discípulos mais próximos, Manuel Farinha dos Santos, que relativiza, e muito bem, os testemunhos hiper-críticos dos seus detractores (SANTOS, 1987), condicionados pelo desconhecimento de uma realidade rica e complexa que, após a publicação deste estudo, melhor poderá aquilatar-se.



Mesmo a tão apregoada hostilidade que supostamente votaria a muitos dos seus colegas, aparece surpreendentemente contrariada por evidências que comprovam, ao contrário, a colaboração amistosa com alguns dos supostos adversários, como é o caso da chamada “Escola dos Serviços Geológicos” (Fig. 15).

4. EPÍLOGO

Passados quase 50 anos sobre a última lição proferida por Manuel Heleno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 10 de Novembro de 1964 (Fig. 16), importa encontrar o fio condutor do seu pensamento ao longo da prática pedagógica e de investigação de mais de 40 anos naquele estabelecimento de ensino. Quais foram os propósitos mais presentes e aqueles que poderão ser mais facilmente identificados no seu ensino, resultando directamente das suas escavações? A resposta, por estranho que possa parecer, não se afigura difícil. Para Manuel Heleno, os dois grandes objectivos da sua prodigiosa actividade foram, desde o início, e como ele próprio declara, “no sentido de esclarecer os grandes problemas da nossa arqueologia” e, ao mesmo tempo, evidenciar a antiguidade das origens da população portuguesa.

A primeira questão foi sendo respondida ao longo dos anos, em que sistematizou e sucessivamente aperfeiçoou a lenta substituição de culturas arqueológicas no solo português, que ia porfiadamente arrancando do arquivo da terra, na preocupação de criar um quadro de referência próprio, liberto de critérios desenvolvidos por eminentes arqueólogos, mas estranhos à realidade do território português, aspecto que ele considerava muito negativo.

A segunda questão enunciada, que afinal decorre da primeira, constituiu a principal preocupação da sua leccionação, desde os inícios até à última lição. Com efeito, a 28 de Março de 1932, em entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, declara “que se tem feito uma grave confusão entre nós, confusão a que não escaparam homens da envergadura de Alexandre Herculano e da inteligência de Oliveira Martins, entre nacionalidade e estado. O Estado português surge no século XII. Mas [...] a Nacionalidade portuguesa, o agregado humano, possuidor duma unidade moral, esse é muito anterior. Precisamos de ir buscá-lo aos tempos da pedra polida” (in CASTELO-BRANCO, 1988: 27).

Esta ideia-mestra do seu pensamento arqueológico permaneceu duradoura ao longo da sua vida científica. Muitos anos depois, em entrevista publicada a 11 de Novembro de 1964 no mesmo jornal, aquando da sua última lição, declarou que “o agregado humano que ocupa o nosso território há 40 000 anos e deu origem ao povo português apresen-

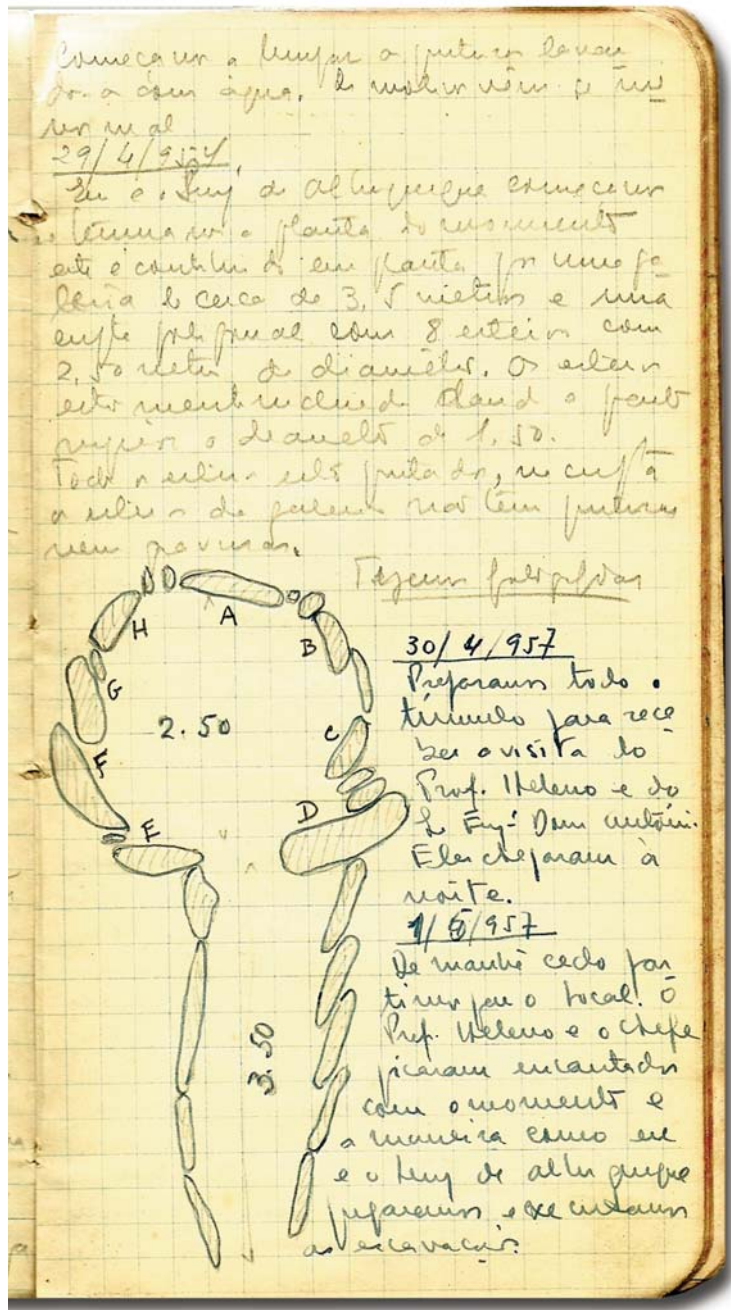


FIG. 15 – Trecho do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, registando a visita de Manuel Heleno, em 1 de Maio de 1957, acompanhado do Director dos Serviços Geológicos de Portugal, Eng.º António de Castelo Branco, às escavações do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades).

ta-se também com uma coesão cultural espiritual que se observa na cultura dolménica, na Idade do Bronze, na Cultura dos Castros, na personalidade da Lusitânia e na individualidade do Reino dos Suevos. E essa coesão é uma das colunas em que assenta o edifício da nossa Nacionalidade”.

Com efeito, ao privilegiar, como acima se referiu, nas suas aulas de Arqueologia, essencialmente, o ensino da Pré-História, mas respeitando sempre uma aproximação histórica, princípio proclamado logo na sua *Lição Inaugural da Cadeira de Arqueologia* (HELENO, 1925-1926): “ciência histórica, absolutamente histórica, porque se ocupa exclusivamente das manifestações sociais dos povos”, colocando num outro plano



Foto: Arquivo do Diário de Notícias.

FIG. 16 – Última lição de Manuel Heleno, proferida a 10 de Novembro de 1964 na Faculdade de Letras de Lisboa.

a afirmação de que as origens do povo português remontavam a 40 mil anos, por certo sugestionado pela espectacular descoberta de arte paleolítica na gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), efectuada pelo seu discípulo dilecto no campo da Arqueologia, Manuel Farinha dos Santos e nesse mesmo ano publicada (SANTOS, 1964), em que teve papel decisivo (SILVA, 2008), tais origens abarcariam, segundo o Mestre, largo lapso temporal, do Mesolítico à Idade do Bronze, baseado em grande parte nas investigações que pessoalmente empreendeu no terreno.

E se a demonstração dos resultados das intervenções arqueológicas cabia aos arqueólogos, a sua divulgação pública competia aos museus. Daí a atenção que lhes foi conferida no Programa da disciplina de Arqueologia de 1958-1959: recorde-se que M. Heleno, desde os primórdios da década de 1950, passou a integrar os júris de acesso à carreira de Conservador de Museus. Assim, o desempenho do cargo de Director do Museu Nacional de Arqueologia viu-se valorizado por via desta actividade, que, por um lado, incorporou na sua leccionação e, por outro, lhe abriu novos horizontes, propiciando a aquisição de competências em matérias museográficas, como bem evidencia o competente estudo que realizou e fez publicar sobre as novas instalações deste Museu na Cidade Universitária, no ano seguinte ao da sua jubilação, para memória futura (HELENO, 1965).

5. CONCLUSÃO

Crê-se que se conseguiu apresentar de forma rigorosa a figura de Manuel Heleno enquanto Professor de Arqueologia e de Pré-História, a qual até agora se encontrava deturpada por tantos e tantos anos de

ideias feitas, desprovidas de fundamento, apesar dos esforços dos seus biógrafos, especialmente de Fernando Castelo-Branco, seu discípulo e amigo (CASTELO-BRANCO, 1970 e 1988). Em trabalho dedicado a um dos discípulos de Manuel Heleno, Manuel Farinha dos Santos, declarou ao signatário, há mais de dez anos, que a figura do Mestre ainda se encontrava muito longe de ser cabalmente conhecida (CARDOSO, 2001-2002), o que era plenamente verdade, como agora se comprova pelas fichas das suas aulas, as quais já então eram de seu conhecimento.

Deste estudo emerge, pela primeira vez, a imagem de um Professor dedicado e competente, permanentemente atento à marcha dos conhe-

cimentos das matérias que leccionou ao longo de décadas, compaginando-os com os resultados da sua prodigiosa actividade como arqueólogo de campo. Corporizou, assim, aquilo que se espera de um Professor Universitário nos dias de hoje, integrando a investigação própria de forma harmónica no ensino, numa época em que tal prática se afigurava muito longe de ser a usual. Foi, pois, um inovador e um pedagogo, embora tenha ficado aquém da obra monumental que poderia ter realizado, por via das escavações que empreendeu e que fariam dele o maior arqueólogo português de sempre, só comparável ao grande Estácio da Veiga. Seja como for, no seu tempo, Manuel Heleno foi também o arqueólogo que, em Portugal – sabemo-lo agora – detinha a visão mais sólida e perfeita do seu passado pré-histórico no quadro peninsular e europeu. E, sem procurar contactos internacionais, também não os renegou, sendo disso prova, ao longo de décadas, o convívio científico que manteve com os mais eminentes arqueólogos europeus, interessados em conhecer aspectos da realidade pré-histórica portuguesa.

Tratou-se, em suma, de um ensino que, procurando alicerçar-se na prática arqueológica, se fundamentava nos conhecimentos e concepções da sua época; por isso, em muitos aspectos, não resistiu à erosão do tempo: mas não pode negar-se que a defesa de opiniões originais foi sempre servida por argumentação sólida e sustentada, apoiada nos espólios e registos que ia, ano após ano, resgatando da terra. É esse, sem dúvida, o seu principal legado, que outros, mais afortunados do que ele no estudo e publicação dos resultados do seu labor, viriam mais tarde, e até à actualidade, a ter a oportunidade de aproveitar, constituindo-se, inadvertidamente e de modo involuntário, em continuadores da sua obra, sempre inacabada, e do seu legado, em permanente renovação. 🐾

AGRADECIMENTOS

À Direcção do Centro Português de Actividades Subaquáticas, na pessoa da Presidente, a Dr.^a Margarida Farrajota, por ter cedido fotografia obtida em Tróia, na altura em que se exploraram os fundos do estuário adjacentes às ruínas romanas ali existentes.

Ao Senhor José Carlos Henrique, pelo cuidado com que transcreveu a extensa documentação manuscrita de Manuel Heleno, e pela boa vontade sempre manifestada no decurso do moroso trabalho subsequente, até se atingir a forma final de cada documento transcrito.

Ao Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid), na pessoa da Directora, Dr.^a Dirce Marzoli e do Dr. Michael Kunst, pela cedência de duas imagens que integram o seu Arquivo Fotográfico.

Ao Doutor Carlos Fabião, pelos elementos biográficos recolhidos no Processo Individual de Manuel Heleno arquivado na Secção de Pessoal da Fac. de Letras de Lisboa e, que tendo inspirado o curto parágrafo deste estudo, farão parte de um capítulo de sua autoria, de obra colectiva a ser oportunamente publicada, coordenada pelo signatário.

REFERÊNCIAS

- BICHO, N. (1995-1997) – “A Ocupação Epipaleolítica do Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 13-15: 53-86.
- CARDOSO, J. L. (1999) – “O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa”. *Al-Madan*. Almada. Série II. 8: 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2001-2002) – “Elogio do Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10: 11-37.
- CARDOSO, J. L. e GONÇALVES, F. (1992) – *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50000. Folha 39-D (Torrão)*. *Arqueologia*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, pp. 74-81.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. ROQUE e FERREIRA, O. da Veiga (1996) – “O Espólio Arqueológico das Grutas Naturais da Senhora da Luz (Rio Maior)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 195-256.
- CASTELO-BRANCO, F. (1970) – “Subsídios para o Estudo da Actividade Científica do Prof. Manuel Heleno”. *Ethnos*. Lisboa. 7: 6- 30.
- CASTELO-BRANCO, F. (1988) – *Elogio do Prof. Doutor Manuel Heleno*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- DANIEL, G. (1941) – “The Dual Nature of the Megalithic Colonisation of Prehistoric Europe”. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge. N.S. 7: 1-49.
- GAGO, A. Borges e MARTINHO, C. (2012) – *Manuel Heleno. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- HELENO, Manuel (1924) – *Do Estudo e Origem da Moeda. Lição de abertura da cadeira de Numismática*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, Manuel (1925-1926) – “Lição Inaugural da Cadeira de Arqueologia”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 27: 183-193.
- HELENO, Manuel (1933a) – *Os Escravos em Portugal*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, Manuel (1933b) – *Grutas Artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, Manuel (1935) – “Jóias Pré Romanas”. *Ethnos*. Lisboa. 1: 229-257.
- HELENO, Manuel (1948a) – “O Problema Capsense: contribuição portuguesa para a sua revisão”. *Ethnos*. Lisboa. 3: 493-495.
- HELENO, Manuel (1948b) – “Sarcófago Romano da Região de Vila Franca de Xira”. *Ethnos*. Lisboa. 3: 475-483.
- HELENO, Manuel (1951) – “Arqueologia de Elvas: notícia preliminar. Parecer apresentado na sessão da 2.^a Sub-Secção da 6.^a Secção da J.N.E. de 17 de Dezembro de 1949”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 1: 83-94.
- HELENO, Manuel (1956a) – “O Professor Henri Breuil”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 3: 239-246.
- HELENO, Manuel (1956b) – “Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 3: 221 -237.
- HELENO, Manuel (1956c) – “Consolidação e Restauro dos Mosaicos de Conímbriga”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 3: 253-255.
- HELENO, Manuel (1960) – “Tróia. Arqueologia subaquática em Portugal”. *Revista de Actividades Submarinas*. Lisboa. 1: 13-14.
- HELENO, Manuel (1962a) – “Bosch Gimpera. Saudação proferida pelo Prof. Manuel Heleno no início da Conferência na Faculdade de Letras de Lisboa pronunciada, em 22 Mar. 1961, pelo Prof. Bosch Gimpera”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 4: 309-311.
- HELENO, Manuel (1962b) – “A Villa Lusitano-Romana de Torre de Palma (Monforte)”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 4: 313- 338.
- HELENO, Manuel (1965) – “Programa para a Instalação do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária”. *Ethnos*. Lisboa. 4: 63-74.
- HELENO, Manuel (s.d.) – *Algumas Palavras Sobre Leite de Vasconcelos*. Lisboa: edição do autor.
- LEROI-GOURHAN, A. (1950) – *Les Fouilles Préhistoriques (Techniques et Méthodes)*. Paris: Éditions A. et J. Picard et Cie.
- MOITA, I. (1955) – *Ante-Projecto para a Secção de Arqueologia do Futuro Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos*. Lisboa. Tese não publicada, apresentada ao concurso de Conservador de Museus.
- MOITA, I. (1956) – “Subsídios para o Estudo do Eneolítico do Alto Alentejo”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 3: 135-175.
- MOITA, I. (1958) – “O Plano do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos”. *Lisboa-Revista Municipal*. Lisboa. 78 (3): 11-28 e 41-57.
- MOITA, I. (1966) – “Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta”. *Ethnos*. Lisboa. 5: 189-298.
- PINA, Luís de (1958) – “Resposta ao Recipiendário”. In *Elogio do Professor Doutor J. M. de Queirós Veloso*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- PROCESSO Individual do Professor Manuel Domingues Heleno Júnior. Arquivo da Secção de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SANTOS, M. Farinha dos (1964) – “Vestígios de Pinturas Rupestres Descobertos na Gruta do Escoural”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S. 5: 5-49.
- SANTOS, M. Farinha dos (1987) – “Os Estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História”. *Anais. Cinquentenário da Restauração da Academia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 313-332.
- SERRÃO, J. V. (1978) – “Resposta”. In *Elogio Histórico do Prof. Doutor Manuel Heleno*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- SILVA, A. C. (2008) – “O Museu Nacional de Arqueologia e a Salvaguarda do Património Arqueológico. Algumas reflexões, tendo como fundo a actuação do Museu aquando da descoberta da Gruta do Escoural”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26: 299-344.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1926) – *Mês de Sonho. Conspecto de etnografia açórica*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga; LEITÃO, M. e NORTH, C. T. (1977) – “Descoberta de Insculturas com a Figura Humana Estilizada na Região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoinha”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 56: 33-41.
- ZILHÃO, J. (1984) – “O Solutrense Superior de Fácies Cantábrica de Vale Almoinha (Cambelas, Torres Vedras)”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 2: 15-86.